

UNIVERSIDADE - CONSCIÊNCIA

SOCIAL DA NAÇÃO

Página 2

PANORAMA UNIVERSITÁRIO

Página 2

A MÚSICA NO TEMPO BACH

Página 6



ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ
NÚMERO 113 — ABRIL DE 1965 — ANO 30

Ciclo de cinema italiano no C. A. O. C.

Página 7

OPERAÇÃO UBATUBA BALANÇO E PERSPECTIVAS

Página 3

XVII CONGRESSO DA UEE

Página 2



FMUSP - 65 - Alterações no Ensino Médico

Página 5

Universitários Rejeitam Intervenção Ministerial nos Centros Acadêmicos:

Os resultados do plebiscito sobre a Lei Suplicy de Lacerda, realizado pela União Estadual de Estudantes, vem demonstrar a rejeição pela maioria absoluta dos universitários paulistas à política de repreensão às entidades estudantis, adotada pelo Ministério da Educação. O expressivo comparecimento, aliado aos resultados que publicamos, reafirmam a posição de um movimento universitário autêntico, democrático e atuante.

RESULTADOS OFICIAIS DO PLEBISCITO ES- TADUAL DOS UNIVERSITÁRIOS PAULISTAS (Computado até o dia 8-4-65)

	SIM	NÃO	Branco e Nulos	TOTAL	NÃO %
Capital	9.271	1.761	539	11.571	80%
Interior	7.344	993	317	8.654	85%
Total Geral	16.615	2.754	856	20.225	82%
FMUSP	81	836	13	480	80%

Brasil: O homem, a doença e os trópicos

Sob este título iniciamos uma série de trabalhos sobre Medicina Tropical. Serão constituídos de reportagens sobre nossas principais instituições médicas relacionadas com a Nosologia Tropical, delineando então suas mais importantes realizações. Intercalaremos artigos, que procurarão expor os aspectos médico, social e geográfico das moléstias tropicais incidentes em nosso país. A primeira reportagem versará sobre o INSTITUTO MEDICINA TROPICAL DE SÃO PAULO.

última página



O Instituto de Medicina Tropical de São Paulo

UNIVERSIDADE - Consciência Social da Nação

Nosso país se define por seus contrastes extremos: frente a cidades, centros e residências luxuosas, a periferia miserável e, a poucos quilômetros um camponês que vive e trabalha como em épocas remotas, frente a riqueza ostensiva, a pobreza extrema; frente aos que controlam seu grau de colesterol os que defendem seus ossos da fome. Frente às suntuosas instalações universitárias, as deprimentes condições das escolas rurais e a alta porcentagem de analfabetos.

O que ocorre no Brasil ocorre igualmente no restante de nossos vizinhos continentais. Na América Latina, até a pouco, em alguns casos, ainda hoje, perduravam feudalismos financeiros e agrários, desconheciam-se os direitos das maiorias em função de minorias com privilégios excessivos e paralisantes para o organismo social. Por isso assistimos a um despertar repentino de aspirações contidas. A isto se ajuntam: os inevitáveis efeitos de uma revolução técnico-científica que encontra sua causa adequada em estruturas sociais envelhecidas, a exemplo dos grandes movimentos que se operam na Ásia e África, o fim do colonialismo, as pressões que cria o fenômeno fundamental de nosso tempo que é o explosivo crescimento demográfico.

Estamos pois frente a uma emergência, em que a tensão que atravessa o continente não

se resume na superficial batalha para mudar os homens, mas sim na busca de idéias que inspirem a existência pessoal e social e, em consequência à organização. É por isso que, cada um em sua esfera, está tomando posições (a não ser, logicamente naqueles países onde o direito de opinião está cerceado); tomam-na os sindicatos, a juventude universitária e os intelectuais.

Poderá a Universidade se situar fora deste quadro que em muitos casos causa temor, mas que para nós deve ser motivo de estímulo e esperança.

Hoje, no Brasil, a Universidade, mais que uma consciência é um privilégio. É um privilégio pertencer-lhe como professor e ainda mais como aluno. Em nosso país, 50% da população é analfabeta. De cada cem crianças que se matriculam na escola primária, um terço a abandona na passagem do 1.º ao 2.º ano e outro terço a abandona antes de completar o curso primário. No nível secundário, de cada cem que começam, somente terminam menos de trinta, de cada cem crianças que nascem menos de uma chega à Universidade e por isso podemos dizer que matricular-se na Universidade é um grande privilégio que não se consegue submetendo-se a uma ampla e justa seleção mas sim pertencendo ao reduzido grupo em que a situação sócio-econômica da família o permite.

A Universidade tem uma missão decisiva em diversos planos. Deve, entre outras coisas, criar um campo neutro para investigar, discutir e formular soluções. Nosso país apresenta seus problemas de desenvolvimento econômico: necessita descobrir sua própria realidade, explorar suas próprias riquezas.

Não é suficiente, entretanto, criar sua elite representativa de todo o povo nem selecionar uns poucos entre poucos, não basta apenas a formação técnica, a científica, não basta ainda que a Universidade constitua um centro onde seja possível examinar os fatos e propor soluções — o que seria um plano limitado, ainda que traduzisse negável progresso.

A Universidade tem também uma missão cultural e esperamos que ela seja capaz de guardar, enriquecer e definir o patrimônio nacional, rejeitando os padrões importados e procurando valorizar o homem brasileiro através de tudo aquilo que cultural, suas tradições, suas manifestações artísticas e suas próprias relações de convívio social.

O que desejamos é uma Universidade que sensibilize com as condições desumanas dos que a cercam e que se integre definitivamente em todo o seu dinamismo social, pois fora disto, não haverá razão para sua existência.

O XVII Congresso da UEE

De 28 a 31 de janeiro, realizou-se aqui em São Paulo o XVII Congresso Estadual dos Estudantes, do qual participaram mais de meia centena de Centros Acadêmicos, por intermédio de bancadas de representantes, cujo número foi proporcional ao número de alunos filiados a estes Centros.

Inicialmente, a realização deste Congresso, se afigurava de grande importância para a rearticula-

ção do Movimento Universitário, desbaratado após o movimento de 1.º de abril. Portanto, era para os estudantes paulistas e também de todo o Brasil, muito importante a concretização deste Congresso, que acabou dando nova vitalidade à entidade representativa dos estudantes paulistas, que a lei Suplicy de Lacerda pretendia sufocar.

No XVII Congresso da UEE, além de se escolher a nova diretoria que orientará os rumos da entidade durante o ano de 1965, discutiram-se problemas relativos ao meio universitário e à situação nacional. Foram apresen-

tadas várias teses, sobre Reforma Universitária, posição de estudantes face a lei Suplicy de Lacerda, rumos do Movimento Universitário, cobrança de anuidades nas Faculdades, etc.

Foi apresentado também um ante-projeto que institui o voto direto na eleição para a escolha da diretoria da UEE. Este ante-projeto foi discutido, aprovado e de acordo com os Estatutos da UEE deverá ser referendado no próximo Congresso a se realizar em 1966. Desta maneira, escolher-se-á a diretoria da UEE por votação direta e secreta, isto é, todos os estudan-

Panorama Universitário

C. I. E. APÓIA UNIVERSITARIOS BRASILEIROS

Considerando o fato de que os estudantes brasileiros, assim como os de todo o mundo tem direito a possuir uma entidade dirigida democraticamente e sem interferências governamentais, a XI CONFÉRENCIA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES realizada em Christchurch, Nova Zelândia, em fins de 1964, aprovou moção de apoio aos universitários do Brasil em sua luta pela restituição de suas conquistas, como o direito à autonomia, à livre associação, e à manifestação de pensamento.

F. M. DE SOROCABA EM GREVE

Desde o dia 6 de abril encontram-se em greve os colegas da Faculdade de Medicina de Sorocaba, que lutam pela instalação do Hospital Regional, de importância fundamental e imediata, tanto para o ensino como para uma assistência médica adequada à população.

CONSELHO DE PRESIDENTES DA U. E. E.

Realizou-se em Campinas nos dias 10 e 11 um Conselho de Presidentes da União Estadual de Estudantes, com a presença de Presidentes e Representantes dos Centros Acadêmicos de todo o Estado. O principal assunto discutido foi o resultado do plebiscito realizado sobre a Lei Suplicy, quando a maioria absoluta dos universitários paulistas rejeitou a imposição ministerial de cerceamento das liberdades estudantis. Foi resolvido por unanimidade a não aceitação da Lei Suplicy pelos Centros Acadêmicos, posição esta que deverá ser referendada pelas Assembléias Gerais. Decidiu-se também que a UEE elaborará um ante-projeto de modificação da lei, devendo o mesmo ser discutido amplamente por todos os estudantes.

JUBILAÇÃO

Como já é do conhecimento geral, os Estatutos da Universidade de São Paulo foram alterados com respeito à jubilação, e assim sendo, vigorará o disposto na lei de Diretrizes e Bases, ou seja, a jubilação na série ou em conjunto de disciplinas. Não podemos deixar de ressaltar o magnífico trabalho empreendido pelos colegas do Diretório Central de Estudantes da USP que apresentaram o projeto ao Conselho Universitário, discutindo e lutando até a vitória final. A união de todos os estudantes da USP em torno de seu DCE veio mais uma vez provar a legitimidade e a responsabilidade das lutas que empreende o movimento universitário através de suas entidades.

tes universitários do Estado, deverão votar, em eleição, que se realizará conjuntamente em todos os Centros Acadêmicos.

Este projeto institui uma reforma salutar e profundamente democrática no processo para a escolha dos dirigentes do Movimento Universitário, que desta maneira, será realmente representativo da opinião da grande maioria dos estudantes.

A princípio os estudantes que participaram do XVII Congresso da UEE se viram ameaçados pela ação violenta do DOPS, que proibiu e tentou impedir a sua realização. Amparados na Constituição Federal (artigo 141 — parágrafo 4) os estudantes recorreram à justiça e conseguiram uma liminar que lhes assegurou o direito de se reunirem, para discutir os problemas relativos a sua classe, dentro da mais perfeita ordem e espírito democrático.

Findo o Congresso e descartados alguns senões, em virtude de entendimentos que surgiram entre os grupos que tomavam parte do mesmo, restou ainda um saldo positivo, que veio fortalecer o Movimento Universitário, dando-se desta maneira, mais um passo importante para a democratização total do país.

"O BISTURI"

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da USP

REDAÇÃO:

Av. Dr. Arnaldo, 1
Tel. 52-1729 — S. Paulo

DIRETOR:

Primo A. Brandimiller

ASSESSOR:

Paulo de Abreu Leme

EQUIPE DE REDAÇÃO:

Pedro Luiz Tauil
Rui Toledo Barros
Pedro Paulo Chieffi
Vicente A. de Araujo
Rubens F. Vasconcelos
Teófilos S. Reaes
Eunofre Marques
Clóvis Takiguti

A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

Aproveitando o ensejo da organização da Campanha de Alfabetização que iria ser desenvolvida nos meses de janeiro e fevereiro de 1965 no município de Ubatuba, grupo de professores e universitários das faculdades que integram o bloco de saúde (Medicina, Enfermagem, Politécnica, Farmácia e Bioquímica), resolveram organizar a Equipe de Saúde. Como método a ser utilizado durante a alfabetização era o audio-visual, cujo aprendizado é feito a partir das palavras utilizadas no local, o ensino passou a ser feito globalmente, permitindo introduzir noções dos mais variados assuntos.

Daí, a Equipe de Saúde se estruturou como uma necessidade, já que o desenvolvimento global de uma comunidade depende de um amplo programa visando a melhoria das condições do meio físico, social e biológico. Por outro lado estando nosso país em estágio de subdesenvolvimento, a própria dinâmica da sociedade, atribuindo prioridades aos mais imediatos, não permitiu colher dados fidedignos da real situação de nossas comunidades nos seus aspectos sócio-econômicos, culturais e geo-físicos. Mais ainda, notamos a falta de técnicos adaptados a realidade brasileira.

O planejamento inicial foi organizado. De imediato, aos professores objetivava a oportunidade de feitura de trabalhos práticos junto com os alunos e, aos universitários, a visão de um modelo de realidade brasileira, cujos resultados ensinariam a formação de quadros técnicos preparados ao trabalho comunitário no campo da Saúde Pública.

Partindo para o caso específico da Comunidade de Ubatuba, o compromisso da Equipe de Saúde nesta fase, seria o de fazer um levantamento dos problemas relacionados à Saúde Pública, através de visitas domiciliares, com o auxílio de uma ficha de levantamento sanitário, única, constantes de partes a serem observadas e partes a serem preenchidas por inquiridos. No en-

tanto, tendo em vista que a população local está um tanto aborrecida por pesquisas isoladas ali efetuadas, sem que nada de útil recebesse em contrapartida, reconheceu-se a necessidade de um veículo de comunicação que seria o remédio (medicamento). Resolveu-se então planejar um levantamento parasitológico e proceder o tratamento com vermífugos dos casos positivados. Era ponto pacífico no consenso da Equipe que tal medida paliativa representava pouco como caráter médico-curativa.

Os trabalhos de campo em Ubatuba iniciaram-se em janeiro, ficando, os estudantes alojados no Acampamento de Mirim, onde foi improvisado o Laboratório de Análises e a Farmácia.

O levantamento parasitológico abrangeu participantes da operação e

Atingida a primeira fase dos trabalhos com a execução dos levantamentos parasitológico e sanitário, a Equipe está, no momento, trabalhando na computação dos dados, a partir dos quais pretende fixar algumas metas.

A programação e organização desse plano abrange alguns dos mecanismos de atuação da Saúde Pública: a) saneamento do meio; b) combate, controle e proteção das doenças transmissíveis; c) educação sanitária; d) organização e desenvolvimento de serviços médicos e de enfermagem; e) elevação do padrão de vida.

Deve-se observar que trabalhos de desenvolvimento de comunidades são desenvolvidas "com" são desenvolvidos "com" "para" a comunidade. Dêste fato, decorre que o espírito de nossa atua-

UBATUBA 65

a população local, sendo efetuadas cerca de 1.200 exames de fezes. Os resultados estão sendo computados para serem brevemente publicados. O tratamento da verminose das pessoas diagnosticadas foi realizado integralmente, inculindo inclusive rudimentos de Educação Sanitária.

O levantamento sanitário, elaborado por elementos da Equipe, constando de perguntas convenientemente formuladas para a computação estatística de dados, tomou a forma definitiva depois de testado em pequeno número de famílias. O passo seguinte foi o sorteio das famílias que seriam pesquisadas para a obtenção dos dados. O trabalho propriamente dito foi realizado com 51 famílias, número significativo para esse caso específico.

ção almeja a participação de interessados no trabalho, que seriam fixados a partir da descoberta, formação e motivação das lideranças locais.

Eis em suma o relato das atividades da Equipe de Saúde e as suas perspectivas. O grande mérito da Operação Ubatuba é o pioneirismo da demonstração da praticabilidade concreta da mobilização dos universitários para uma tarefa que abre perspectivas sociais de atuação. Como tal, demonstra também a necessidade da colaboração de técnicos dos mais variados assuntos e níveis.

Finalmente, aos promotores da Operação Ubatuba, principalmente a Associação Cristã de Moços, o nosso reconhecimento pela compreensão sem a qual não poderíamos formar a Equipe de Saúde.

Começou alegre — dois ônibus lotados de um pessoal jovem, barulhento e com muita disposição de trabalhar.

Oito horas de viagem, cansados, chegamos a nosso acampamento. Chovia.

Luz — não instalaram.

Água — não tem.

Barracas — a Força Pública mandou-as pequenas de mais, os maiores dormiriam com os pés de fora.

Chovia — fora e dentro das barracas.

Não havia nada de se comer.

Os mais desanimados já começavam a resmungar.

No outro dia, o tempo clareou, as barracas foram trocadas por outras, grandes, novas, verdinhas e aparentemente impermeáveis. Aos poucos tudo foi se organizando e começou o trabalho.

Dividimo-nos em grupos, cada qual com seu setor, e fomos de praia em praia, de sertão em sertão, avisando os caiçaras do início das aulas, da chegada do material de laboratório e de equipe para exame de fezes. Alguns se mostravam desconfiados.

Começaram as aulas e também o trabalho de pesquisa, diagnóstico e tratamento das várias parasitoses intestinais da população local.

Tudo ia muito bem.

Os caiçaras, feitas algumas exceções, aprendiam com grande facilidade, aos poucos iam construindo as primeiras palavras com as quais, mais tarde faríamos as cartilhas.

Particularmente, com os habitantes da Praia da Enseada, onde dávamos aula, ocorreu um incidente bastante desagradável. Uma noite, estávamos discutindo as sílabas da palavra "divino" quando chegaram alguns senhores, trazendo máquinas fotográficas. Os caiçaras de início se recusaram a ser fotografados. Depois, como um dos visitantes fosse aparentado com uma das alunas, e tivessem assegurado que as fotos não eram para nenhum jornal, mas para um arquivo do governo, concordaram. Dali a uma semana sai numa edição das Fôlhas reportagem sobre nosso trabalho, com um retrato de quase meia página do pessoal da praia da Enseada.

Com uma energia e disposição bélica, que nunca tínhamos imaginado nêles, os caiçaras se revoltaram contra a fotografia publicada e a praia ficou em pé de guerra. Depois de tudo apaziguado — e levou quase uma semana — perdemos grande número de nossos alunos.

Os exames de fezes acusavam incidência maciça de parasitoses. Houve vários casos em que se constataram cinco tipos diferentes de parasitas num só indivíduo.

As aulas seguiam o ritmo esperado, aos poucos os alunos se entusiasmavam com novas palavras que se podia escrever com as sílabas já aprendidas.

Além de tudo isso, havia mais um aspecto: percebiam alguém interessado em seus problemas, e percebiam também que a solução desses problemas não dependia apenas da ação das autoridades, mas do trabalho conjunto de todos. Na Praia da Enseada pensam em construir uma escola: depois de pronta a escola, dizem eles, o Prefeito não vai ter coragem para recusar uma professora.

No "Saco da Miséria" pensam em construir um pequeno hospital, e lá manter um médico. De um morro, fizeram uma estrada que pode ser transitada até por caminhões. Os rapazes da Engenharia deram uma idéia de como se poderia construir uma ponte. Todos trabalharam juntos e, a estrada está lá.

Ainda agora, em fins de semana, desce gente da Operação Ubatuba para lá, mas, não somos mais indispensáveis. O pessoal de Ubatuba sabe que precisa trabalhar sozinho para melhorar sua condição de vida. Nós podemos observar, reunir alguns grupos que tendem a se espalhar, mas, a solução real de seus problemas, só os caiçaras podem conseguir. E eles sabem disso.

O Ser ou Não Ser

Osmar Souza Araujo

A visão de uma estátua depende do ângulo de que a vemos, e neste sentido procuro dar a minha visão sobre fatos que nos rodeiam. É bem verdade que podemos reunir um bom número de angulações, mas sempre estaremos sujeitos a limitações que dariam ao fim um fato dentro de princípios relativos, e assim é a verdade individual.

Este intróito foi feito para alertar alguns deterministas, que era sua maioria se tornam intratáveis quando são ventilados assuntos pelos quais se determinaram por insegurança e paixão. São maniqueístas que decidiram lavar as mãos no mal para salvar o bem. Neste grupo podemos incluir todos os racistas e alguns dos grupos de anti-esquerdistas, anti-católicos que têm surgido em nosso meio.

Esses anti-esquerdistas serão o assunto de agora.

A eles não interessam fatos objetivos como índice de mortalidade, subnutrição, latifúndio: a culpa é dos esquerdistas que criaram toda uma situação, aqui e agora, para tomarem o poder. Não lhes interessam a história e a evolução dos fatos; são totalmente impermeáveis a uma experiência, porque se cair uma só verdade de seu sistema, desmoronará toda a estrutura, pois esta é insegura, é a forma dos hipócritas.

Temos exemplos concretos dentro de nossa Faculdade, onde podemos encontrar alguns que identificaram o esquerdismo com o mal, e partiram contra o mesmo quais cruzadas medievais, com inquisição e tudo, só faltando Sancho Pança. Se perguntarmos porém porque o fazem, são incapazes de dizer por exemplo:

— Sou anti-comunista, porque o comunismo na sua essência é contra o homem, no que diz respeito a sua liberdade e a sua vontade. Partindo o comunismo de que o que existe é apenas relação de matéria, e a consciên-

cia é portanto projeção desta, nega valores, a vontade, e assim, a liberdade do homem.

A moeda que vemos tem outro lado, e este é a racionalização da saída que esse anti-comunismo primário tem como governo.

Falou-se em defender a Cultura ocidental, porém, valores essenciais, que são as normas jurídicas, foram abolidas, fazendo-se um ato institucional e desprezando-se os tribunais e as leis, como os casos do Hospital das Clínicas e do padre Lage, preso há vários meses, sem culpa formada. Na política econômica ficou totalmente abolido o respeito, ou melhor, o primado do homem sobre o mundo. Pouco importa que uma pessoa humana tenha sua vida jogada como dados de economia e mais, que passe fome, não tenha calçado, morra de doença: o que importa é a inflação... O custo de vida pelos duvidosos dados oficiais subiu de 80% e o aumento do salário mínimo foi de 55%. A aberração não para aí: a empresa nacional joga seus empregados à rua, enquanto se protege a empresa estrangeira, retirando-se inclusive o poder de decisão dos tribunais nacionais sobre a mesma.

Na política estudantil, desprezaram-se as experiências de vinte anos de UNE e esta simplesmente é fechada. Com a desculpa de acabar com a subversão, criou-se o pelego estudantil. A liberdade dos estudantes, procurou-se tolhê-la, fazendo-se uma lei confusa dita, aliás muito bem, Suplicy. A Cultura, o Intelecto foram humilhados, e mais que isso, instalou-se o terror cultural.

São linhas gerais de fatos aos quais apenas os cegos, os apaixonados e os maldosos podem negar a evidência e o objetivo, soltar e deixar impune o irmão de Abel. A história de Caim e Abel é bem ilustrativa do fenômeno. Caim diante do amor-ódio, decidiu odiar, se autoafirmar com esse ódio, e assim o fez: se não pode

realizar e amar o Bem, amou e desejou o inferno.

No fundo chegam ao mesmo que o comunismo conseguiu nos países em que foi aplicado — perda de liberdade, regime policial, terror cultural, submissão ideológica. Isto é fácil de explicar pois o comunista e o anti-comunista são cara e coroa da mesma moeda. Não havendo então dois seres distintos, embora contrários, nascidos de duas afirmações positivas, este anti-comunista desaparece com o desaparecimento do comunista. É o inautêntico e a sombra que parasita o objeto. Temos enfim o ser e o não ser.

— Que lhe ocorre? — perguntou a psiquiatra, após minuto de silêncio.

Não fôra apenas um silêncio, mas um turbilhão confuso de nada, embaraçado a idéias presas, incompletas, em luta para se evadirem e serem transmitidas. Todas corriam, absorvidas por algo oculto, para um labirinto indefinido, indo depositar-se mansamente, já apagadas, atrás de uma muralha impenetrável, irritante, desalentadora, pérfida, intransigente. Era o ritual de guerra entre idéias com ânsia de prioridade, porém, desqualificadas, parcialmente aderidas à muralha, ou não pertencentes a ela, desprezadas, fracas, sem

ilusão de poderem globalizar um quê.

Oscilava entre dúvidas a existência ou não de sentimentos refletidos por cada idéia. Impossível era perceber sentimento se não transparecesse límpida e realmente expressiva a idéia. E tudo encobria tudo; e pareciam ser milhares, e pareciam não existir nenhuma...

Mas, à interrupção pelo "Que lhe ocorre?", o cenário se transformou, aquém da consciência, além da memória, bloqueando o repentinamente o ritual, permitindo uma nova guerra — entre a muralha e a psiquiatra, por cima da consciência...

— Nada me ocorreu... apenas confusão.

Georgino

ESFERA SEM RAIO



FMUSP - 65 ALTERAÇÕES DO ENSINO MÉDICO

Sempre constituiu preocupação do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, através de sua Comissão de Ensino, mudanças na estrutura de nosso curso para que, aproveitando todos os recursos materiais de que dispomos, propiciasse cada vez mais a participação ativa dos alunos no seu aprendizado. É por este motivo que acolhemos com grande júbilo as alterações introduzidas no ensino médico da FMUSP.

Na medida do que pudemos sentir nessas primeiras semanas de aula, a grande maioria de nossos colegas tem se mostrado entusiasmada. Esse ano, sem dúvidas, fase de transição — as clínicas apresentam-se umas bem estruturadas para o novo sistema de ensino, outras ainda mal adaptadas. Faz-se, portanto, necessário que, alunos e professores, mantenham um espírito crítico quanto ao aproveitamento por este tipo de aprendizagem, para que todas as deficiências surgidas possam, nos anos seguintes, ser corrigidas.

A nossa Faculdade deu mais um grande passo adotando esta forma de ensino. Aguardemos, porém os frutos para melhor avaliarmos suas vantagens e eventuais falhas. Podemos, nós alunos, colaborar bastante para seu aperfeiçoamento, levando ao corpo docente todas as opiniões e críticas que achamos necessárias. Assim, por exemplo acreditamos que para melhor aproveitamento, as classes poderiam ser divididas em pequenas turmas que rodizariam pelas clínicas das respectivas séries, executando tarefas que se aproximariam às dos internos, com plantões em enfermarias, Pronto-Socorro, etc.

Há ainda outras mudanças, de extrema necessidade, no nosso curriculum. Uma delas, por exemplo, é a referente à Medicina Preventiva. Faz-se indispensável a inserção de um curso de Medicina em todas as séries do Curso Médico. É preciso que desenvolvamos a concepção do homem como um todo e

em relação com seu ambiente, deixando de analisar o doente desligado de sua situação sociológica que condiciona em grande parte seu comportamento e tem influência direta em sua saúde.

Esperamos para o ano vindouro novas alterações no curso, que virão com-



Já, desde o 3.º ano, quando começam as cadeiras clínicas, o ensino prático é desenvolvido por estágios em enfermarias gerais.

pletar as agora realizadas. Assim, pouco a pouco, vamos promovendo o aprimoramento de nosso curso, visando a formação de um médico cientificamente capaz e socialmente útil ao nosso povo.

Sobre a Reforma do Ensino Médico

MARIA ZÉLIA

Fundamentalmente foram três os eixos que nortearam as reformas do ensino médico que experimentamos este ano, e, a resultante final só será uma espiral ascendente se os três determinantes caminharem paralelamente.

O primeiro ponto fundamental, da reforma do curso em si, fala-nos de uma disposição do curso com carácter primordial de aprendizado dinâmico onde, inicialmente, a contactação do estudante se faz com as partes mais fundamentais da propedêutica médica, cirúrgica e psicológica, para num 2.º estágio levá-lo à patologia geral e num 3.º, contactua-lo com as especializações.

Em esquema teríamos:

- iniciação à medicina + psicologia médica
- propedêutica
- introdução à cirurgia
- patologia médica
- patologia cirúrgica
- especializações — dermatol., gineco, MI, obstetria, ORL, etc., Oftalmol., Psiquiatria,

O 2.º ponto fundamental da Reforma visa o curso em relação com o aluno, e, apesar de o encarmos didaticamente como ponto distinto do 1.º é na realidade indissociável do mesmo pois ele só realiza quando vinculado ao aluno.

Encontramos neste item a realidade de um aprendizado crescente que decorre de uma participação ativa do aluno no contacto com o paciente, infundindo-lhe vivência e responsabilidade. Decorre desta contactação muito mais próxima: paciente-aluno-professor o diálogo muito mais fácil, e a abertura para novas perspectivas no sentido de se decapitar a aula magistral e criar a busca de um crescimento intelectual por equipes, porque tantos e tão novos sendo os caminhos dentro das próprias especialidades, somente um trabalho de equipe resultará em crescimento científico real.

O 3.º ponto fundamental e que parece-me é o que mais proximamente depende de nós, apesar de não se poder discursar de nenhum deles, fala-nos das reestruturações entre os próprios alunos.

A continuidade deste trabalho que efetivamente se inicia neste ano, só se fará se os próprios alunos a promoverem. Esta continuidade dependerá cada vez mais de um espírito de equipe, de comunidade de trabalho.

Esta equipe de trabalho que deverá crescer harmonicamente, será germen inicial que nós devemos cultivar para que num futuro próximo a realidade de uma medicina socializada seja viável, seja humana, seja o estímulo de gerações futuras.

SISTEMA NERVOSO E COMPORTAMENTO PSICOLÓGICO

RUBENS BERGEL

É bastante provável que a grande diferença entre nosso S.N.C. e dos outros animais reside na presença de um número imensamente maior de vias associativas no primeiro. Estas abririam, a impulsos provenientes de estímulos externos e internos, uma variedade muito grande de vias neuronaxonais.

Como os estímulos nunca são simples, é bem provável que dois deles, aparentemente iguais, tenham componentes quantitativos ligeiramente diferentes. São essas doses

variáveis que irão inibir umas ou/e excitar outras vias, de modo que as "soluções" (reações) serão diferentes para estímulos quase iguais.

Comparemos o impulso nervoso a gotas d'água deslizantes numa superfície lisa (a vidraça da janela, p. ex.). Elas vêm, geralmente, em fila, seu trajeto dependendo da primeira gota. Se esta encontra pela frente uma saliência, pode contorná-la por dois caminhos. Se escolher o da esquerda, por ex., (sem segundas intenções, evidentemente-

te...) provavelmente todas as outras, unidas em filete, também por aí irão. Este caminho fica como que "facilitado"

Assim seria com os influxos nervosos. Acabariam em cada indivíduo, por "preferir" algumas vias a outras.

Suponhamos que o estímulo fôsse a presença de um negro nas proximidades de fulano (ou então a apresentação de pontos de vista dum governo "forte", p. ex., do PC chinês, a beltrano).

Fulano, um americano do sul, quando ainda bastante jovem (i. é., sem via preferencial estabelecida), em face da acomodação aos semelhantes, está facilitada a via cuja "resposta" é: reação agressiva ao negro. E

após ser utilizada algumas vezes esta via, esta relação estímulo-resposta, passa a ser um "princípio de vida do americano" Nas primeiras escolhas ele julgou, talvez parcialmente, — mas julgou — e concluiu, a seu modo, racionalmente.

Beltrano, nas primeiras oportunidades em que ouvir falar da apresentação dos pontos de vistas do governo "forte", talvez aceite ou não, mas o fato é que os considera criticamente, julga, raciocina. Porém, se ele é chinês p. ex., para sua própria segurança ele deve aceitá-los. Após tê-lo feito várias vezes, estas normas já serão premissas para outras elaborações mentais. Já serão princípios, isto é, serão indiscutíveis.

Após estabelecer o automatismo da conexão estímulo-resposta, esta já se apresenta em seus trabalhos mentais, como definitiva, como um princípio, enfim, (uma bitola). Na verdade, o indivíduo vai gradativamente, se atando com as próprias mãos.

Quando já um conjunto dessas conexões estiver estabelecido, o indivíduo dir-se-á (orgulhoso) "com personalidade formada", terá opiniões estereotipadas, sistemas filosóficos, científicos estabelecidos. Acaba de sair do forno um radical, provavelmente, um conservantista, talvez um revolucionário, em educação, em ciências, em política, em artes, em religião.

PARTICIPE DA COMISSÃO DE ENSINO DO CAOC

II - A Transição para o classicismo : BACH

CONTINUA-SE AQUI A SÉRIE "A MÚSICA NO TEMPO," INICIADA COM "O PERÍODO ANTIGO"
PUBLICADO EM NOSSO ÚLTIMO NÚMERO.

Alberto da Silva Junior

A transição da Música para período denominado Clássico, está toda contida na obra do alemão Johan Sebastian Bach, nascido em Eisenbach a 31-3-1685 e veio a falecer em Leipzig a 28-7-1750. Viveu, portanto, 65 anos; casou-se duas vezes, a segunda das quais com Anna Madalena Bach a quem dedicou muitas de suas obras. Dos dois casamentos teve 20 filhos, muitos dos quais músicos. Morreu cego e esquecido, assim como sua música que foi redescoberta por Mendelssohn quase um século depois de sua morte.

Foi o compositor mais rigoroso na forma e sua influência não tem igual em toda a Música. A sua música caracteriza-se pela polifonia, isto é, — a melodia principal é cantada cada vez por voz, enquanto as outras continuam cantando simultaneamente outras variações. Assim, por exemplo, nas suas célebres fugas, observa-se que a melodia é cantada inicialmente sozinho por uma só voz; quando esta termina o tema, começa com variações, enquanto que a outra voz já retomou o tema para desenvolvê-lo por sua vez.

Desta maneira, Bach conseguiu introduzir até cinco vezes que no fim da peça, cantam todas juntas.

Este sistema polifônico, porém, é muito complexo e, como se pode imaginar, requer uma fertilidade de idéias para as variações. Notar, além disso, que as variações não são sobre o tema e sim somente na mesma tonalidade que este, pois a melodia bachiana é a mais inalterada possível, pois como começa, acaba somente sofrendo alterações de tonalidade.

O Romantismo, vindo após o Classicismo, facilitou o estilo musical, fazendo com que a melodia fosse acompanhada de, no máximo duas vezes e estas outras, raramente cantavam o tema: isto pode ser observado com os primeiros românticos e até mesmo com Chopin e Liszt.

Entretanto, com o renascimento da polifonia, que se deu com Beethoven, Mendelssohn e Brahms, a obra de Bach passou a ocupar o papel mais importante da história da Música e sua influência permanece inalterada até nossos dias (o representante mais recente e comple-

to de Bach, na música moderna é Villa-Lobos).

As principais obras de Bach, são:

1.º *Missa em Si Menor*: sua obra principal e maior missa, quer em extensão, quer em qualidade, composta até hoje.

2.º *Paixão segundo São Mateus*.

3.º Cantatas: compôs mais de trezentas, e inclusive o coral de uma delas, "Jesus, alegria dos desejos humanos", serviu de tema para a marcha-rancho do compositor patricio contemporâneo, Vinicius de Moraes ("Rancho das Flores").

4.º Concertos: Bach foi o criador do concerto para piano e orquestra, compondo concertos para cravo e orquestra; compondo também para violino e vários outros instrumentos. Porém, os seus concertos mais célebres são aqueles que não apresentam solista, isto é, são os "Concertos Grossos", conhecidos como "Concertos de Brandemburgo". No concerto grosso, a orquestra toda (ou quase toda) é utilizada como solista; às vezes entram instrumentos isolados como violino, flauta e até mesmo a antiga flauta de bico.

5.º Música para instrumento solista sem acompanhamento: Bach foi o inovador da técnica pianística, lançando as bases do estudo do piano e que nunca foram superadas; para isto escreveu a sua obra em dois volumes: "O Cravo bem temperado", em que aparecem sempre duas formas de composição na mesma tonalidade: o prelúdio e a fuga. Foi o maior compositor de música para órgão que já existiu, sendo a mais famosa de suas obras para este instrumento, a Toccata e Fuga em Ré, dentre outras. O órgão nas mãos de Bach assumiu proporções gigantescas e foi tão explorado por ele que se elevou à categoria do instrumento mais completo que se conhece.

Compôs ainda a Fantasia Cromática para cravo, em que mostra um conhecimento de técnica e construção musical insuperáveis, além das Suites Inglesas e Francesas e peças menores.

Em resumo, sua criação musical é a maior que se conhece: mais de duas mil obras, muitas das quais, perdidas. O que mais é pronunciado em Bach é a sua forte personalidade, criando um estilo tão característico, severo e ortodoxo que mereceu o adjetivo de "bachiano". Sua música é de caráter universal, pois é apreciada em todas as épocas, por todas raças, idades e culturas. Este caráter "universalizado" de sua arte é o observado no período Clássico, daí ser ele o iniciador de tal período.

Um grande musicólogo, sem exagero, já afirmou: "a Música deve tanto a Bach, quanto uma religião deve a seu fundador".

Por ser ele como que uma divisa no desenvolvimento musical, influenciando toda a criação que veio depois de si, merece o adjetivo de "pai da Música".

Você Não Pode Perder...

O BRASIL NO CONTEXTO MUNDIAL

Ciclo de conferências promovidas pelo Departamento Cultural do CAOC. Todas as quintas-feiras, às 17 horas, na FMUSP, a partir de 6 de maio.

Constará o ciclo das seguintes palestras:

- Caracterização sociológica do Brasil
- Caracterização política do Brasil
- Caracterização econômica do Brasil
- Caracterização médico social do Brasil
- Inserção da Universidade na Realidade Brasileira
- Situação geopolítica do Brasil

NOITE DE MAIO

Tradicional Baile dos Calouros da Faculdade de Medicina da USP. Dia 28 de maio no Salão de Festas do Jardim de Inverno Fasano. Zêzinho — Luiz Arruda Paes — Coral & Cordas. Informações pelo telefone 52-1729.

SEMANA DE MINÉRIOS

Promovida pela UEE e pelos Centros Acadêmicos Administração de Empresas, Economia-USP, Grêmio Politécnico e Geologia-USP, realizar-se-á de 17 a 21 de maio a SEMANA DE ESTUDOS DE MINÉRIOS, onde importantes aspectos do problema serão debatidos com pesquisadores, economistas e políticos.

CICLO DO CINEMA ITALIANO

Todas as sextas-feiras às 19:30 horas, a partir de 14 de maio, serão exibidos no Teatro da Faculdade de Medicina da USP, a seguinte sequência de películas italianas: PAISA — ALEMANHA, ANO ZERO — ARROZ AMARGO — O CAMINHO DA ESPERANÇA — UMBERTO D — A MAMATA — DIVÓRCIO A ITALIANA — A DOCE VIDA — A AVENTURA — O ECLIPSE — VERÃO VIOLENTO — A MOÇA COM A VALISE — O ASSASSINO — UM DIA DE ENLOQUECER — O BANDIDO GIULIANO. Promoção do Departamento Cultural do C.A.O.C. Informações pelo telefone 52-1729.

I SEMINÁRIO DE REPRESENTAÇÃO

O DCE da USP está concluindo os preparativos para o I SEMINÁRIO DE REPRESENTANTES DO CORPO DISCENTE, programado para breve. Esta promoção tem por objeto o estudo e debate de Reforma Universitária e de problemas que enfrentam os representantes de alunos nas Congregações de Professores, CTAs, e Conselho Universitário.

ESQUELETO'S

Quinzenalmente aos sábados, realiza-se a reunião dançante ESQUELETO'S, na "Sala do Sono" do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Informações pelo telefone 52-1729.

DESENHO — PINTURA — ENGENHARIA

Empório Artístico Michelangelo

Rua Líbero Badaró, 118 Fones: 32-2292
35-4257

Tetrex



uma dosagem adequada para
cada pessoa da família



Tetrex

FOSFATO COMPLEXO DE TETRACICLINA

para um controle efetivo das infecções produzidas por bactérias gram-positivas e gram-negativas, rickettsias, vírus de maior tamanho e alguns protozoários

LABOR TERAPICA BRISTOL S.A. Ind. Quím. e Farm. - R. Carlos Gomes, 924 - São Amaro (S. Paulo)

José A. Adura Miranda

Tôdas atividades que serão realizadas pelo D. Cultural no campo do Cinema têm por escopo fornecer aos estudantes de Medicina os meios e as possibilidades de formarem perspectiva sua e própria da arte, dentro do contexto da Cultura e da Vida em geral; de compreenderem a arte e os artistas por seus próprios olhos e suas próprias forças, sem que as opiniões — ou circulantes entre a população, ou as dos críticos, ou a dos compêndios — forgem as suas.

O que queremos é compreensão através do conhecimento, através do diálogo e em um ambiente de liberdade e tolerância. Os cursos e as retrospectivas de cinema tentarão inspirar-se na frase esculpida no pórtico da Universidade de Oxford: A HOUSE OF LEARNING, ANCIENT, LIBERAL, HUMAN. Para tanto, corremos diversos riscos.

Primeiro, é preciso que os participantes saibam relacionar o que vêm na tela com o cotidiano, sem condenar "a priori" aquilo que difira da gente.

Em "O Eclipse", de Antonioni, há uma cena que ilustra o que dizemos:

Estamos na Bolsa de Valores de Roma. Contatos correm e berram números de ações e nomes de emprêsas. Capitalistas distribuem ordens. Funcionários tentam ordenar o serviço:

— Calma!

— Um momento!

— Queira repetir o nome, por favor!

Um personagem sem nome, desimportante e desconhecido, que aparece apenas uma vez no

filme, acaba de perder todos os seus bilhões. É um homem gordo e baixo, tem os olhos mortos, e é todo êle desajeitado. Recebe a notícia. Devagar sai, e a câmara o acompanha, por trás. Naquê-le momento, aquela figura não é ridícula. Senta-se em uma mesa de bar, pede uma água mineral, e enquanto bebe, garatuja em um pedaço de papel. Quando se afasta, a câmara focaliza o papel: o homem, o capitalista, o todo poderoso que perdera seus milhões, humildemente desenhara flores, pequenãs flores como fizera na infância...

O diretor de cinema, como o poeta, como o pintor, fixa em linguagem artística, estórias, cenas, que à distância nos parecem vulgares, e extrai delas o que há de humano, verdadeiro. Cenas e estórias tais acontecem a todo momento, debaixo de nossas barbas. No cinema, elas se tornam, de repente, importantes. Por que não lhe damos, na vida real, a mesma importância? Porque não as sabemos ver. E, se não as entendemos nem as observamos na vida cotidiana, é pouco provável que entendamos a linguagem do cinema e da arte em geral.

Ainda mais: é preciso ter sempre em mente que o artista criador nada mais faz que passar para a tela de cinema, para o papel ou para a argila seu próprio manancial de experiências; e que, por diversas que sejam suas experiências e as nossas próprias, resta sempre algo de básico e comum a nós e ao artista: o modo de senti-las e compreendê-las. Apenas,

há que o artista sabe traduzi-las; e nós, que costumamos ter a sensibilidade tósca e embotada, frequentemente nem as sabemos sentir.

Assim, nos esforçaremos para transmitir aos participantes o pouco que da arte nos foi dado compreender e dêles também pediremos sua visão, seu sentimento relativamente às obras que apresentarmos.

Outro risco, derivado dêste de não nos conseguirmos comunicar e entender com os participantes, é o de resultarem as retrospectivas em meras exibições de películas, e os cursos em meras aulas.

É preciso que os participantes sejam realmente participantes, não espectadores ou alunos. É preciso que, em debates francos e livres, façam-se mutuamente ver detalhes, troquem interpretações diversas da mensagem da película assistida.

Por outro lado, temos que evitar, ao máximo, influenciarmos a visão e a perspectiva dos participantes. O fato de ficar a seleção de filmes e a organização de apostilas e a escolha dos conferencistas ao nosso encargo já nos leva, inconscientemente, insuflar para dentro do curso nossa visão e nossas opiniões. Devemos evitar que isso aconteça. Devemos deixar que os participantes tenham uma visão própria, individual, ditada por suas próprias experiências, conhecimentos e emoções.

Assim, através de cineforuns, realizados após cada exibição, sintentizaremos aqueles meios e aquelas possibilidades a

No artigo "POR QUE CINEMA" explicamos o por quê da atividade do Departamento Cultural neste campo, e as possibilidades que nêle se nos deparavam.

Para conseguirmos realizar essas possibilidades tomamos os seguintes caminhos práticos:

Organizamos para agosto-65 uma semana de palestras sob o título geral de CINEMA — por gente que faz Cinema, onde os diversos conferencistas exporão aos participantes alguns aspectos do Cinema Moderno: Direção, Produção, Fotografia, Som, Linguagem Cinematográfica, e, principalmente relatarão as suas experiências pessoais nestes setores do Cinema.

Essas conferências serão ilustradas com documentários cedidos por gentileza, da Cinemateca Brasileira.

Todos os conferencistas têm experiência pessoal, com cinema, quer em documentários, quer em longa-metragens. Citaremos os nomes de alguns dêles.

Maurice Capovilla
Francisco Ramalho

Edgardo Palero
Luiz Sérgio Person
Thomas Farccas

Possivelmente receberemos também a colaboração de Walter Hugo Khoury, que trará um documentário seu.

Por outro lado, já em maio iniciaremos o Ciclo de Cinema Italiano onde será apresentado semanalmente, um filme representativo de uma ou outra época desse cinema.

Os filmes mencionados serão exibidos às sextas-feiras às 19:30 hs. no Teatro da Faculdade de Medicina da USP. Após cada filme serão realizados debates orientados por um dos conferencistas citados. Estes debates serão sem dúvida a parte mais importante de todo nosso trabalho. A fim de facilitar os debates aos participantes está sendo impresso um caderno de críticas e fichas técnicas sobre diretores e filmes. Em decorrência do custoso aluguel dos filmes, vemo-nos forçados a cobrar uma pequena taxa de inscrição que dará direito à participação nas conferências e no ciclo.

que nos referimos no início: os meios, fornecidos pelo curso, as possibilidades pelas retrospectivas.

E nossa esperança, ao movermos avante nossa idéia, é de conseguirmos não apenas aprimorar o intelecto dos colegas. Não

apenas seu cérebro. Mas — e principalmente — sua emocionalidade, seu caráter, aquilo que, vivo, pulsa e arde dentro de cada um de nós, é o que queremos tornar e manter cada vez mais ardente e amoroso, sempre em direção à vida.

Conclusão da página 8

O tétano é ainda um grande fator de mortalidade no Brasil; especialmente o tétano umbelical causa grande mortalidade infantil, mesmo no Estado de São Paulo. O IMTSP planejou ampla campanha contra esta doença.

Seminários do Instituto de Medicina Tropical: No Hospital das Clínicas da FMUSP, Serviço do Prof. João Alves Meira, são realizados mensalmente se-

minários com apresentação de trabalhos e planejamento de pesquisas.

Exposição Sobre Doença de Chagas: No seu período de 20 a 24 de abril de 1959, o IMTSP promoveu exposição comemorativa do Cinquentenário da Descoberta da Doença de Chagas. Na ocasião foram apresentados todos os aspectos da tripanosomíase americana.

Boletim do IMTSP: É publicado trimestralmente um boletim

informativo sobre a vida do Instituto contendo entre outros assuntos: relação dos livros recebidos pela Biblioteca, visitas ao Instituto, prêmios conquistados pelos componentes do IMTSP.

Revista de Medicina Tropical: Idealizada pelo prof. C. S. Luís Rey, até pouco tempo seu diretor e editor. Para trabalhos de ampla difusão costuma a Revista de Medicina Tropical apresentar-se em inglês e português. Prêmio de Medicina Tropical:

Desde 1959, vem o IMTSP distribuindo o Prêmio Ciba ao melhor trabalho sobre temas de Medicina Tropical referentes às endemias rurais do Brasil. O prêmio atualmente é no valor de Cr\$ 200.000 e é conferido apenas a médicos brasileiros.

Uma visita ao INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL DE SÃO PAULO, particularmente ao seu Museu nos proporciona

uma visão da realidade do Brasil tropical. Devemos acrescentar que em nada estamos diminuídos por sermos país tropical. O que nos deprime, no entanto, são os fatores sociais negativos ao lado de agentes etiológicos, vetores e reservatórios de várias doenças. Necessitamos sem dúvida de ampla programação médico-social para preservar o homem. E é neste sentido que tem trabalhado o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

I - O INSTITUTO DE MEDICINA TRÓPICAL DE SÃO PAULO

Ao lado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo ergue-se, em moderno edifício, o Instituto de Medicina Tropical (IMT) de São Paulo. Incrustada no maior e mais completo centro de pesquisas médicas da América Latina, esta modelar instituição tem concorrido, com vultuosa contribuição ao estudo das moléstias que assolam o território brasileiro. O significativo volume de investigações científicas efetuadas, a realização de cursos pós-graduação e de atualização, a revista de Medicina Tropical e campanhas de Saúde Pública, credenciaram o instituto pela Organização Mundial de Saúde, como centro de referência para a América Latina. Em visita ao instituto nossa reportagem entrevistou o Professor Carlos da Silva Lacaz, que nos mostrou o edifício, fornecendo ao mesmo tempo, dados sobre esta organização científica.

HISTÓRICO

O Professor Carlos da Silva Lacaz assistindo, em setembro de 1958, aos VI Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Paludismo realizados em Lisboa, visitou os institutos de Medicina Tropical de Lisboa e Basileia, mantendo contato com outros centros de pesquisa. Na ocasião, verificou o interesse crescente na Europa (constituídas de países não tropicais) sobre problemas de Medicina Tropical.

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, analisou o Professor Lacaz, necessitava de um IMT para estudo das importantes endemias que afligem o nosso país. O núcleo de pesquisas iniciaria a luta contra as moléstias que atrasam o progresso brasileiro. Na Europa o projeto recebeu os aplausos de Ernst Nauck (IMT de Hamburgo) e Professor Samuel B. Pessoa.

Já em São Paulo, os Professores A. Dácio Franco do Amaral e João Alves Meira apoiaram a reivindicação do Professor Lacaz. A 2 de Outubro de 1958 os referidos Professores mandaram um memorial ao CTA da Faculdade de Medicina da USP, pedindo a criação do IMT, ampliando, para tanto, o pavilhão de Vírus e Rickettsias já em construção.

A congregação da FMUSP presidida pelo, então, Diretor Professor João de Aguiar Pupo, a 10 de dezembro de 1958 ratificou o memorial de criação do IMT; o Conselho Universitário, por unanimidade, aprovou também esta idéia a 23 de dezembro de 1958. O governador do Estado Sr. Jânio S. Quadros assinou a 15 de janeiro de 1959 o decreto n.º 34.510 criando definitivamente o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

Era um dos primeiros passos no combate ao subdesenvolvimento. O princípio do estudo e trabalho planejado já se implantavam para que as palavras de Deffontaine fossem cumpridas: "Todos os quilômetros quadrados têm aqui um verdadeiro valor de futuro. O Brasil é de todos os países do mundo, aquele que tem o mais considerável potencial de espaço e este é um primeiro motivo de reflexão".

E a reflexão era aos poucos sistematizada!

FATORES GEOGRÁFICOS

A linha do Equador passando pela região Amazônica e o Trópico de Capricórnio pela latitude de São Paulo, definem o tropicalismo de nosso clima. Assim, a "fatalidade geográfica" está marcada pelos seguintes fatores:

1 — Temperatura;

As médias térmicas são superiores a 20°C e duas estações climáticas são definidas: A das chuvas no verão e das secas no inverno.

2 — Vegetação

Florestas quentes e úmidas (Hiléia Amazônica e Mata Atlântica) e savanas tropicais

O departamento de Geografia médica do IMT estuda todo este complexo geográfico, procurando situar o Homem e a Doença nos Trópicos.

Lembremos aqui o escritor Afranio Peixoto, que em "Clima e Saúde" nos recomenda um estudo preciso do Brasil, como nação do Mundo Tropical. Urge conhecer a geografia Humana dos Trópicos, no afã de se obter soluções adequadas ao nosso desenvolvimento.

INSTALAÇÕES E FINALIDADES

Logo à entrada do edifício deparamos com um painel que nos situa nos trópicos: mostra-nos, em conjunto, o solo, a fauna e a flora característicos da região. Já dentro do Instituto as pala-

zado, constando de elementos dos seguintes departamentos:

Microbiologia e Imunologia (26 assistentes); Parasitologia (11 assistentes); Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas (16 assistentes).

O centro de pesquisas coordena assim as três cátedras no estudo da Patologia dos Trópicos.

Os funcionários são em número de 24. O IMT conta ainda com a colaboração de especialistas de outros serviços para cursos programados.

São Diretores os catedráticos dos Departamentos acima mencionados e alternam por quatro anos na chefia do IMT. O Prof. Carlos da Silva Lacaz dirigiu de 1959 a 1963 e o atual diretor é o Prof. A. Dácio Franco do Amaral.

BIBLIOTECA

O Instituto conta atualmente com biblioteca especializada em livros, manuais, revistas e separatas, à disposição dos interessados. Anexada à Biblioteca há uma coleção de dia positivos de Patologia Tropical, também devidamente catalogados.

Ao lado da Biblioteca do IMTSP está instalada a SALA PROFESSOR PIRAJÁ DA SILVA. Após sua morte, ocorrida em São Paulo, a família do ilustre médico baiano doou ao Instituto parte de sua correspondência, biblioteca e medalhas. Através deste patrimônio histórico, cultua-se a memória deste grande tropicalista brasileiro, que em 1907-1908 descobriu o agente etiológico da esquistosomose mansônica: o *Schistosoma mansoni*.

MUSEU

O Museu do IMTSP foi instalado à semelhança do "The Welcome Museum of Medical Science" de Londres, e serve não somente ao ensino superior, como também ao curso secundário. Possui as seguintes divisões:

1. Galeria dos Tropicalistas: divulgação histórica da Medicina Tropical, constitui uma homenagem aos homens que lutaram contra as doenças tropicais.
2. Protozooses.
3. Infecções Bacterianas.
4. Espiroquetoses.
5. Vírus.
6. Rickettsias e Bartoneloses.
7. Micoses.
8. Helmintíase.
9. Artrópodes de interesse médico.
10. Zoologia Médica.
11. Hematologia Tropical.
12. Nutrição.

Organizado pelo Sr. Waldomiro Siqueira Jr., conta o museu do IMTSP com a assistência dos Drs. Rubens Campos, Ricardo Veronesi, e Prof. Carlos da Silva Lacaz. Consta de fotografias, gráficos, maquetas, peças em cera, material fixado e instrumentos usados na pesquisa tropical.

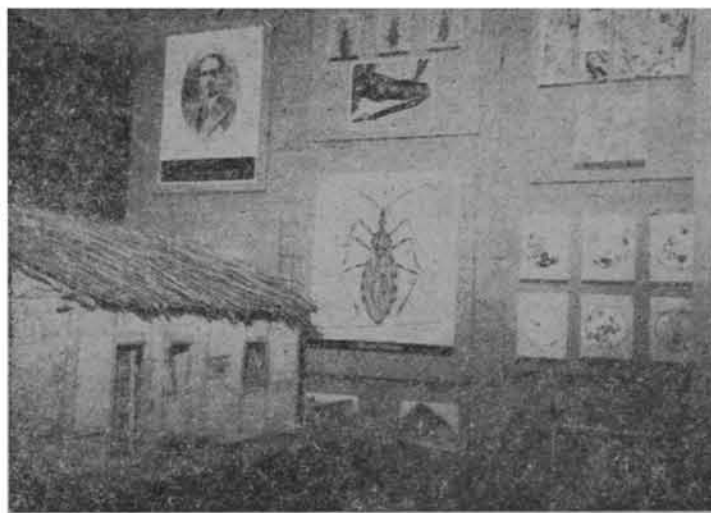
Instalado no 2.º pavimento, o Museu está sempre aberto ao público para visitas, bastando dirigir-se à secretaria do Instituto. Nossa reportagem pode apurar que o Museu, de alto significado didático, é bastante visitado, mas são poucos os estudantes de Medicina que o conhecem...

Do museu tem-se uma vista dos laboratórios do IMTSP, no primeiro andar: podemos adivinhar, através do vitral, a intensa atividade desenvolvida ali em baixo.

OUTRAS ATIVIDADES DO INSTITUTO:

Curso de Atualização: através desses cursos são colocados à disposição dos universitários técnicas recentemente idealizadas e trabalhos novos. O IMTSP registra uma série de cursos entre os quais citamos: I e II Cursos sobre Enterobactérias; Curso de Geografia Médica; Curso Sobre Temas de Sorologia; Curso de Micologia, Doença de Chagas e Tétano.

Campanha Contra o Tétano: Continua na página 7



Chama a atenção no museu do IMTSP a maquete representativa do Masitat do barbeiro, mostrando seus mínimos detalhes

(campos, cerrados e caatingas) constituem a nossa vegetação.

3 — Índice Pluviométrico

Altos índices são encontrados junto à maior parte da orla litorânea. Contudo, o litoral do Nordeste (entre Maranhão e Rio Grande do Norte — Sergipe e Norte da Bahia) faz exceção, com baixos índices pluviométricos.

A região Continental também se apresenta em grande parte com altos índices. Algumas regiões continentais figuram nos mapas pluviométricos contendo má distribuição de chuvas.

4 — Solo

Na sua maioria podem ser enquadrados como solos tropicais e subtropicais. São resultantes de um clima quente e precipitações abundantes, que fazem a lixiviação dos elementos solúveis e precipitações de Fe e Al.

Os solos são profundos e os de qualidades agrícolas apreciáveis, figuram apenas como 5% de todo o território nacional.

5 — Zoogeografia

É a zoogeografia que vai explicar a presença de vetores e reservatórios de doenças próprias da região.

vras do Prof. Samuel B. Pessoa chama-nos a atenção: "A criação de um Instituto de Medicina Tropical, anexo à Faculdade de Medicina da USP, veio preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir entre nós, na formação especializada de clínicos e pesquisadores, bem como no desenvolvimento metódico de estudos e investigações sobre a nosologia geográfica brasileira".

No andar térreo encontramos as seguintes dependências: Secretaria, Diretoria, Sorologia, Biblioteca, Sala de Revistas, Sala para Colheita de Material, Geografia Médica, Almoxarifado.

No primeiro andar localizam-se a Entomologia Cultura de Tecidos, Sala para Esterilizações, Patológica, Hematologia, Vírus e Rickettsias.

No segundo andar encontramos o Museu, Secção de Documentação.

No sub-solo há um pequeno biotério.

O organograma do IMT compreende duas divisões:

A. Zoologia, Climatologia e Geografia Médica.

B. Ensino de Pós-Graduação. No item A temos o estudo e a pesquisa da Nosologia Tropical, enquanto, no item B, a divulgação desse conhecimento.

O corpo de assistentes do IMT é formado por pessoal especiali-

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO. MEDALHA DE MEDICINA TROPICAL

O Curso inicia-se em janeiro, com duração de aproximadamente três meses. Os seis cursos até agora realizados (1960 a 1965), contaram no total com 118 alunos.

O Laboratório Carlo Erba do Brasil S/A. oferece ao aluno melhor classificado no Curso um prêmio: uma medalha de ouro com o emblema do Instituto. Fizeram jus a esse prêmio: em 1960, Dr. Jesus Romero Morrel, da Venezuela; em 1961, Dr. Olinto Adrian Luiz Martino, da Argentina; 1962, Dr. Hermán Miranda Cueto, do Perú; em 1963, Dr. Rudolf Hutzler, de São Paulo; em 1964, Dr. Mário Schirromo, de São Paulo e Dr. Ricardo Negroni, da Argentina; em 1965, Dr. Cid Vieira Franco.

ESTAGIOS DE ESPECIALIZAÇÃO

Podem ser feitos estágios em qualquer dos Departamentos do IMTSP para ampliação dos conhecimentos teóricos e práticos. O Instituto abre assim novas perspectivas ao estudo da Medicina Tropical.